ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

Onde Os Fatos Não Tem Vez: Uma Análise acerca das Fake News Divulgadas na Greve dos Caminhoneiros e a Construção do Imaginário Urbano do Medo

Autores:
Suelen Mazza Batista - Universidade Federal de Pernambuco -UFPE - mazza.suelen@gmail.com
Sérgio Carvalho Benício de Mello - Universidade Federal de Pernambuco -UFPE - sergio.benicio@gmail.com

Resumo:

Nos dias 21 a 31 de maio de 2018, o Brasil vivenciou a greve dos caminhoneiros. Tais movimentações foram marcadas pelo intenso compartilhamento de Fake News nas redes sociais, além disso, um cenário de imobilidade e pânico foi instaurado nas cidades. Com o objetivo analisar como notícias falsas compartilhadas na greve dos caminhoneiros contribuíram para a construção de um imaginário urbano do medo, foram escolhidas 5 (cinco) notícias que causaram temor na população. A partir da Análise do Discurso, foi possível compreender que as Fake News, criadoras e criaturas da era pós-verdade, estão conduzindo as pessoas para uma nova ontologia, na qual os fatos têm uma importância secundária. Os grupos que detém poder sob a produção das Fake News obtém controle sobre a construção da realidade humana. Portanto, ao ressaltar o medo à cidade, as notícias falsas criam uma barreira invisível que isola as pessoas, fazendo-as entrar num processo crescente de enclausuramento doméstico e individualismo.

ONDE OS FATOS NÃO TEM VEZ

Uma Análise acerca das Fake News Divulgadas na Greve dos Caminhoneiros e a Construção do Imaginário Urbano do Medo

INTRODUÇÃO

No último semestre, entre os dias 21 a 31 de maio de 2018, o Brasil vivenciou a greve dos caminhoneiros, também chamada de Crise do Diesel. Sem precedentes na história nacional, pela primeira vez tais movimentações conseguiram paralisar por completo o país. Diante de uma situação em que tais paralisações que foram além das barreiras físicas, o que se configurou durante esse período foi um cenário de imobilidade, na qual as pessoas ficaram trancafiadas dentro de casa. Com o intuito de compreender a conjuntura desse episódio inédito, é necessário analisar quais circunstâncias influenciam no acontecimento e desenvolvimento desta greve.

Inicialmente, é importante relembrar que durante os anos de 2001 a 2006 houve um intenso crescimento da frota de caminhões do Brasil. O aumento de 84% se deu em parte por consequência do crédito disponibilizado pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) entre 2008 e 2014 e do bom desempenho da economia durante esses anos. Em 2016, estimava-se que existia um excedente de 200.000 (duzentos mil) caminhões no país. O excesso de caminhões e a diminuição da circulação de mercadorias como resultado da recessão dos últimos anos gerou um desequilíbrio entre oferta e demanda no serviço de transporte, diminuindo o preço dos fretes, prejudicando as empresas e os autônomos do setor. Quando a economia voltava a mostrar resultados mais expressivos, a elevação do preço do diesel frustrou as expectativas dos caminhoneiros, que não viram outra solução além das paralisações (BORGES, 2018).

Essas condições tornaram-se insustentáveis para uma categoria que é vital para o funcionamento do país. Tal importância é sustentada pela dependência dos transportes de cargas pela malha rodoviária. Segundo a Confederação Nacional de Transporte (2016), dois terços do transporte de carga do país são feitos por caminhões, e caso o minério e petróleo cru não sejam contabilizados, a proporção de produtos transportados pelo modal rodoviário sobre para mais de 90%.

Entretanto, a valorização desta categoria está sofrendo desgastes, pois em um contexto em que a proporção de trabalhadores com nível superior de formação está aumentando rapidamente e em que as melhores oportunidades de emprego se deslocam

cada vez mais para profissões em segmentos de serviços menos manuais (e.g. escritório, bancos, comércio), os caminhoneiros – com pouca instrução e idade relativamente avançada – compõem um grupo muito vulnerável ao desemprego ou ao subemprego informal, onde a renda é baixa e oscilante e não há muito o que mobilizar para fins de distinção profissional e autoestima (COMIN, 2018).

De acordo com a documentarista e repórter Eliane Brum (2018), mudanças significativas no mercado de trabalho nas últimas décadas, como efeito colateral, além do empobrecimento (relativo e/ou absoluto) dos caminhoneiros, estes grupos sociais também vivem intensa desvalorização simbólica. Essa categoria já chegou a ser um protagonista no desenvolvimento do país. No decorrer da segunda metade do século 20, com maior destaque no regime civil-militar (1964-1985), o caminhoneiro tornou-se um personagem essencial para a divulgação nacionalista de um Brasil em busca do progresso e do futuro. Durante os anos mais recentes, a imagem desse mesmo personagem sofreu uma desvalorização não apenas monetária, mas também simbólica no imaginário da população.

As condições de trabalho dos caminhoneiros brasileiros são consideravelmente insalubres. Conforme as pesquisas da Confederação Nacional dos Transportes (2016), três quartos desses profissionais tem uma carga horário de 11 horas ou mais por dia; e mais de 50% tem uma jornada semanal de seis a sete dias. Configura-se como um serviço que envolve bastante insegurança profissional e pessoal, principalmente por conta dos acidentes de trânsito e dos crimes (assaltos) nas rodovias mal asfaltadas e mal policiadas. Tal contexto é ainda pior para os mais da metade dos condutores autônomos que dirigem caminhões com quinze anos ou mais de idade.

Todos esses fatores contribuíram para a crise que gerou as paralisações. A insatisfação ocorria, pois além do preço dos combustíveis virem aumentando desde 2017, a política realizada pela Petrobras de acompanhar as variações internacionais no preço do petróleo e do câmbio, com frequência diária, resultava em reajustes frequentes e nenhuma previsibilidade mínima nos preços dos combustíveis, principalmente do óleo diesel. O alto e variante preço do combustível consequentemente também impactava nos custos dos fretes, gerando outro incomodo no setor de transporte. Por exemplo, para um caminhoneiro que faz um cálculo do frete, antes da viagem (que pode durar dias/semanas), um aumento diário do preço do diesel invalida a estimativa de custo, e muitas vezes, acarreta na perda de lucratividade da viagem para o caminhoneiro.

Nesse sentido, a principal reivindicação da queda no preço do óleo diesel foi exigida antes mesmo das paralisações começarem (no dia 16 de maio de 2018). Apenas no 4º dia de greve, em uma tentativa de conter o movimento, o presidente da Petrobras, Pedro Parente, anunciou a redução de 10% do preço do óleo diesel nas refinarias por 15 dias e o congelamento dos preços durante esse período.

Entretanto, mesmo após o anúncio da queda nos preços dos combustíveis pela Petrobras, os manifestantes consideraram que suas reivindicações não foram atendidas. Também é interessante destacar que nos momentos de negociação o governo encontrou dificuldades para se reunir com supostos líderes, pois havia uma falta a de interlocutores que representasse a classe dos caminhoneiros. As paralisações foram ocorrendo de forma

descentralizada, afinal a proposta de greve começou e se desenvolveu de forma espontânea em redes sociais e grupos de WhatsApp de caminhoneiros, não existindo uma organização que pôde ser apontada como líder da paralisação.

A pauta inicial dos grevistas começou a ser ampliada no decorrer da paralisação. As principais exigências se dividiam em três eixos principais: diminuição e fixação de preços do combustível, reserva de mercado e tabelamento dos fretes. Mesmo com as tentativas de acordos do governo, os efeitos da greve tomaram proporções intensas nas cidades brasileiras. Diante de tal impasse, para tentar pôr fim à greve, o presidente Michel Temer cedeu e acabou por atender as várias demandas dos caminhoneiros.

Algumas das medidas aprovadas para a fixação dos preços foram a redução, até 31 de dezembro de 2018, de R$ 0,46 (quarenta e seis centavos) no preço do diesel, pelo corte em tributos como a Cide e o PIS/Cofins, além do congelamento por 60 dias do preço do diesel e redução de alíquotas do ICMS. Em relação à reserva de mercado ficou instituída a garantia da contratação de 30% dos fretes para os caminhoneiros autônomos (sem licitação) pela CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento). Já o tabelamento dos fretes ocorreu mediante a edição de Medida Provisória nº832/2018 contemplando o texto do Projeto de Lei da Câmara nº 121/2017, que dispõe sobre a política de preços mínimos de frete em território nacional. Além disso, outras medidas, como a extinção da cobrança de pedágio por eixo suspenso de caminhões vazios, foram tomadas.

Tais reivindicações, caracterizadas por uma intervenção do estado no setor de combustíveis, são incoerentes a um governo de economia de mercado liberal. As medidas vão de encontro aos princípios básicos da livre concorrência, livre negociação e livre precificação. Nesse sentido, o Estado estabeleceu uma política econômica, mas depois ao acatar com as exigências dos caminhoneiros sem uma melhor negociação/solução, o mesmo acabou agindo com atitudes subversivas a sua própria política liberal (ações que inclusive são típicas de economia planificada). Essas contradições apontam para possíveis falhas estruturais, que no futuro podem gerar mais problemas.

Já em relação às consequências das paralisações e bloqueios de rodovias repercutiram em várias áreas da sociedade, nos 24 estados e Distrito Federal foram afetados. A população das cidades brasileiras também sofreu com a greve. Os primeiros efeitos começaram a ser sentidos logo nos primeiros dias. Os protestos provocaram desabastecimento, escassez e alta de preços da gasolina, com longas filas para abastecer, redução das linhas de ônibus pelo país, suspensão de postagens pelos Correios, várias aulas e provas foram suspensas, alguns alimentos faltavam em supermercados ao redor do país (DAVOGLIO, 2018). À medida que o desabastecimento foi se tornando uma realidade concreta, isso foi afetando a prestação de serviços essenciais como bombeiros, polícias, aeroportos e hospitais. As pessoas também não se atreviam a sair de casa.

Uma das maiores greves dos transportes, que o país vivenciou, gerou efeitos diretos e indiretos na economia, na bolsa de valores, no mercado externo e na sociedade. Os indicadores da Confederação Nacional da Indústria (CNI) informaram que a greve causou prejuízos que superam os 34 (trinta e quatro) bilhões de reais para os grandes setores da indústria. No setor pecuário, o prejuízo foi de aproximadamente entre 8 (oito) a 10 (dez)

bilhões, e o varejista de 5,4 (cinco bilhões e 400 milhões) bilhões. No entanto, é válido lembrar que esses números podem não representar a realidade, pois as consequências econômicas da greve ainda estão sendo contabilizadas e podem chegar na casa de centenas de bilhões de reais

Diante de toda essa repercussão, a greve recebeu cobertura pela imprensa internacional e pelos principais jornais do país. Além disso, da mesma maneira que ela começou a regimentar as pessoas através das trocas de mensagens pelo WhatsApp, também começou a difundir notícias de todas as formas. Inclusive, em meio à infinidade de vídeos e matérias jornalísticas, a quantidade de Fake News que circularam nas redes sociais sobre a paralisação chamou a atenção das autoridades, estudiosos e da sociedade. Apesar de não possuírem confiabilidade como publicação noticiosa, elas podem ser classificadas um tipo de produção midiática, já que são produtos das atuais formas de distribuição e produção de informações da contemporaneidade.

Na greve dos caminhoneiros várias mensagens de conteúdo falso foram espalhadas na rede. Segundo o site boato.org (portal nacional que desmente e informa as principais Fake News em circulação no Brasil), desde notícias falsas sobre morte de até mensagens desabastecimento dos supermercados também estiveram presentes durante o período da greve. Nesse sentido, é essencial compreender que as notícias fictícias, como parte da mídia também vêm transformando, desviando e produzindo relações inusitadas do homem com as tecnologias de comunicação e informação (LINS E LOPES, 2018). Essas novas representações sociais construídas pelas Fake News, podem ocasionar a germinação e fortalecimento de uma nova subjetividade do medo na sociedade, constituindo um imaginário que contêm o poder de moldar comportamentos, atitudes e hábitos das pessoas.

Portanto, o objetivo do artigo é analisar como Fake News compartilhadas na greve dos caminhoneiros contribuíram para a construção de um imaginário urbano do medo. Dessa forma, a partir de uma discussão sobre algumas notícias falsas divulgadas na paralisação pode-se refletir sobre esse sentimento de insegurança, que vem se transformado em um medo à cidade.

FAKE NEWS E PÓS-VERDADE

Uma das principais características da sociedade atual são os avanços das tecnologias da comunicação e da informação, que projetaram a informação a patamares nunca vistos. Das mídias impressas às eletrônicas, das redes sociais aos blogs e microblogs, a sociedade jamais produziu nem recebeu tanta (des)informação como nos dias atuais. O celular, por exemplo, desde seu surgimento, por volta de 40 anos atrás, já integrou-se totalmente à rotina das pessoas (CARVALHO; FREIRE; VILAR, 2011)

Nesse sentido, também é interessante perceber que surgimento de outras formas de sociabilidade na sociedade pós-moderna fomentou outros rumos ao desenvolvimento tecnológico, transformando, desviando e produzindo relações inusitadas do homem com as tecnologias de comunicação e informação, diz Teixeira (2014). Para o autor, foi o que ocorreu na transição do século XX para o século XXI, com o desenvolvimento de

revolucionários mecanismos digitais de comunicação em rede. Resultado da globalização e do crescimento tecnológico, a multiculturalidade, então resultante, gerou uma recente estrutura social, formada por pessoas e organizações de diversos setores norteados por interações, contribuições, troca de saberes no recém “universo virtual”.

É neste cenário de multidirecionalidade e de possibilidades diversas de comunicação, que a era da pós-verdade ganha mais poder nas mídias e na sociedade. Eleita pelo Dicionário de Oxford a palavra do ano de 2016, a pós-verdade preenche uma posição de evidência no debate público. Descrita como “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais" (ENGLISH OXFORD, 2016). Dessa forma, na era da pós-verdade, o tradicional conflito e falsificação da verdade tem uma "importância secundária". Agora a ideia em que “algo que aparente ser verdade é mais importante que a própria verdade”.

A teoria da exposição seletiva dos pesquisadores Manjoo e Johnston (2008) podem auxiliar na reflexão acerca do intenso compartilhamento das fake news. De acordo com os autores, a mente humana tende a escolher referências que encontram-se associadas às suas crenças, atitudes e comportamentos, e rejeita o que é contraditório, isto pode ser uma justificativa para compreender o alcance e crescimento da pós-verdade. No ambiente das mídias sociais com conhecimentos e escolhas infinitas, as pessoas procuram criar seu próprio cenário de mídia pessoal em busca de informações – textos, áudios, vídeos – que confirmem que o que se sentem.

As redes sociais foram o local da propagação de um dos principais produtos da era da pós-verdade: as Fake News e o debate sobre o potencial impacto na vida da sociedade. As notícias falsas, caracterizadas pela distribuição de dados fictícios e boatos através dos meios de comunicação tradicionais (jornal, televisão, rádio, telefone), ou via web. por meio das mídias sociais (BARCLAY, 2018). É importante salientar na discussão, que apesar dos debates recentes sobre o assunto, esse não é um problema novo, só amplificou com tudo que é postado nas redes sociais. Fake News são tão anteriores quanto a própria mídia de massa. Na longa história de falta de informação, a atual manifestação de falsas notícias já garantiu uma posição especial. Conforme Ferrari (2017), na Idade Média as Fake News já faziam sucesso na cobertura midiática. Pietro Aretino, por exemplo, tentou alterar a eleição pontifícia de 1522, escrevendo sonetos perversos sobre os demais candidatos (menos o preferido de sues patronos Medici) e colando-os para o público admirar.

Já em outubro de 1938, Orson Welles produziu um dos mais famosos programas de rádio de que se tem notícia até hoje: a dramatização de A guerra dos mundos, uma obra de ficção científica. A seleção não foi casual, já que todos ainda possuíam fresca na memória a tragédia do Hindenburg, o dirigível alemão que havia explodido em New Jersey no ano anterior. O receio de uma invasão alemã e de uma possível guerra mundial estava entre os moradores da cidade. Quando o programa de Orson Wells foi transmitido, o aviso de que se tratava de uma obra de ficção foi propositalmente curto, e diversas pessoas começaram a escutar o programa após o aviso. O resultado, como vários jornais relataram, foi pânico em várias partes dos Estados Unidos (ARAUJO, 2017).

Ao analisar os casos mais recentes, a preocupação com as Fake News se intensificou também no meio político. Nas eleições norte-americanas de 2016, informações falsas sobre a candidata democrata, Hillary Clinton repercutiram nas redes sociais e influenciaram na votação presidencial. As notícias fictícias que mais repercutiram foram “Wikileaks confirma que Clinton vendeu armas para o Estado Islâmico” e “Papa Francisco choca o mundo e apoia Donald Trump” (SILVERMAN, 2016). Nesse sentido, a constatação de profissionais em tecnologia, comunicação, sociologia e psicologia é de que, por enquanto, o mundo está diante de um inimigo imbatível.

Uma de suas características fundamentais é que elas são normalmente apelativas emocionalmente ou evidenciam algum viés político favorecido a reforçar crenças e, por isso, são bastante compartilhadas e comentadas antes mesmo que os usuários confiram as fontes das notícias. Segundo, Allcott e Gentzkow (2017), as Fake News também podem ser entendidas como informações distorcidas não correlacionadas com a verdade. Ou seja, são notícias com dados parciais falsos e verídicos que utiliza opiniões alheias e que em geral não tem fonte determinada. São os chamados boatos, mas que obtiveram uma maquiagem de confiabilidade nas novas mídias, passando-se por conhecimento noticioso de credibilidade. Nos últimos períodos, Fake News tornaram-se objeto de discussão, pois estão sendo compartilhadas intensamente e possuem uma capacidade de influenciar efetivamente na opinião pública.

De acordo o estudo, *The spread of true and false news online*, as notícias fictícias se espalham 70% mais rápido que as legítimas e atingem muito mais pessoas. Ao contrário do pensado os bots (aplicativos – robôs - que se comportam como humanos) não são os primordiais responsáveis por espalhar as Fake News. Ao invés disso, quem desempenha tal papel é o cidadão comum. Os autores creem que isso ocorre pela natureza quase sempre surpresa das notícias fictícias que, especialmente por não possuírem compromisso com a verdade, podem ser tão “emocionantes” quanto uma obra ficcional. As histórias falsas inspiram sentimentos como medo, nojo e surpresa. De outra forma, as verdadeiras apresentam mais comentários com conteúdo expressando tristeza, alegria ou confiança. A novidade atrai o interesse humano para atualizar nossa compreensão do mundo. Quando a informação é atual, não é só surpreendente, porém mais valiosa, no sentido de que aquele que a possui ganha status social (VOSOUGHI; ARAL, 2018).

No cenário de pós-verdade, as Fake News, que tem cada vez mais espaço nas redes sociais, preocupam a grande mídia no Brasil, pois podem contribuir ainda mais para um sentimento de pânico e medo. Os sites que difundem notícias falsas mantêm-se firmes na produção de conteúdos graças aos cliques da audiência, e a divulgação de Fake News acaba sendo estimulada pela publicidade (ADORNO; DA SILVEIRA, 2017).

Portanto para entender a importância e consequências das notícias falsas é necessário compreender que presente no cotidiano das pessoas, a mídia acaba surgindo como um dispositivo atuante e quase onipresente no imaginário social da população, em especial de uma sociedade que se encontrava paralisada diante da greve dos caminhoneiros. Segundo Roso e Guareschi (2007), os meios de comunicação além de constituírem e transformarem a realidade, a rotina e o ambiente sociocultural em que vivemos, elas tem o

poder de projetarem novas formas representações sociais sobre as cidades e os lugares que habitamos.

IMAGINÁRIO URBANO E O MEDO À CIDADE

Antes de se debruçar sobre aspectos do imaginário urbano é importante, primeiramente discutir sobre a própria ideia de cidade. Segundo Rolnik (1988), resultado de trabalho articulado e da imaginação de muitos humanos, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza. Nasce com o processo de sedentarização, e seu surgimento delimita uma nova relação da humanidade com a natureza. Com a cidade também se origina o processo de organização da vida social, a necessidade de relações entre os humanos, dessa forma, indissociável à existência material da cidade está a existência política.

Nesse sentido, para Lefebvre (1991), a cidade não é o resultado apenas da matéria, mas sim, o resultado das relações dos seres humanos tornando um espaço, dinâmico, onde há grande interação material e vida humana. Diante dessa lógica, o autor ainda se preocupa em compartilhar a diferenciação entre cidade e urbano, vendo na primeira a realidade imediata e, no segundo, a realidade social, pois o urbano, não uma alma, um espírito, uma entidade filosófica, é composto de relações a serem concebidas e construídas pelo pensamento.

Em uma explicação metafórica, pode-se afirmar a cidade é um elemento composto por duas peças essenciais: a primeira de formato mais rígido é representada pela materialidade de suas construções, sua arquitetura em sí (e.g. prédios, avenidas, parques), já a segunda peça é uma espécie de cobertor formado por um tecido orgânico vivo e dinâmico de diferentes linhas e cores que encobre a peça física, tal cobertor é a representação do urbano, das relações e interações humanas, dos fluxos de pessoas, mercadorias e capitais que dão vida a cidade.

Ao propor outra leitura da cidade como uma outra forma de encaminhar novos olhares que possam identificar problemas e refletir sobre suas possíveis soluções, Silva (2011), vê a cidade como espaço da linguagem, de evocações e sonhos, de imagens de variadas escrituras. Definida como a imagem de um mundo, essa ideia se completa dizendo-se que a cidade é também o contrário: o mundo de uma imagem que lenta e coletivamente vai sendo construída e volta a construir-se, incessantemente. Com isto, o autor define a cidade como o lugar do acontecimento cultural e como cenário de um efeito imaginário.

Dessa forma o imaginário urbano é construído, pois uma cidade se autodefine por seus próprios cidadãos, seus vizinhos e seus visitantes. É resultado da imagem mental que dela fazem seus habitantes. Nesse, sentido Silva (2011) interpreta os que imaginários urbanos são formados a partir da imagem que os cidadãos constroem através das relações com a cidade. De acordo com o autor tal olhar sobre a cidade, que constitui e é constituído pelo imaginário urbano, é apoiado em três categorias: “a cidade vista”, fruto da interação dos seus habitantes com os espaços, “a cidade marcada” delimitada a partir de seus territórios. “a cidade imaginada”, formada a partir das representações evocadas da cidade.

Neste aspecto, considerando os meios de comunicação como mediadores nas relações do sujeito com o seu entorno, observa-se que a imprensa e especialmente em na era da pós-verdade, as Fake News tem um papel seminal na construção do imaginário da cidade. No entanto, ao analisar as características fundamentais da mídia do Brasil, nota-se que nas duas últimas décadas, os noticiários sobre a violência deslocaram-se das tradicionais coberturas nos editoriais e nos jornais especializados em crimes, e ganhou evidência de maneira disseminada em todos demais os meios de comunicação. No campo das Fake News o contexto não é diferente, como já comentado anteriormente, a maioria dessas notícias falsas tem um teor caótico e alarmista, e acabam por causar um sentimento de medo e pânico na sociedade.

Diante disto, as relações e interações entre as pessoas (essenciais para a formação do tecido urbano) são marcada por um sentimento de insegurança e medo. O direito à cidade, conceito idealizado por Lefebvre (1991), em que o direito a transformar e projetar uma nova cidade, na qual predominassem o valor de uso e a autogestão em todos os âmbitos da vida transforma-se num medo à cidade. Em virtude da sensação generalizada de medo no ambiente urbano, a arquitetura das cidades se torna cada vez mais defensiva. De fato, impera uma necessidade premente e crescente de segurança, a qual promove o surgimento de cercas físicas e psicológicas nos espaços públicos e/ou privados, limitando a liberdade das pessoas às suas “fortalezas” (BAUMAN, 2009).

Mesmo que o fenômeno da urbanização, que se acentuou em todo o mundo a partir dos anos 1960, tenha levado a uma concentração cada vez maior de pessoas no espaço das cidades. Os aglomerados urbanos passaram a registrar cada vez maiores índices de violência e solidão. O fluxo constante das pessoas nas ruas e avenidas, praças e centros comerciais não têm levado a uma troca mais intensa de experiências entre elas. Apesar da diversidade cada vez maior observada nos espaços públicos, o intercâmbio, o diálogo e a comunicação interpessoal parecem estar ameaçados. Da mesma forma, as relações afetivas com o patrimônio, com a paisagem urbana, parecem sofrer um desgaste (MUSSE, 2013).

Nesse sentido, a constituição do imaginário urbano pautados sob o medo, produzem verdades, afetividade e olhares sobre a cidade, que consequentemente afetam os atos, hábitos e comportamentos da população. Se num passado recente, o lazer direcionava-se principalmente às atividades externas, como, por exemplo, ir à missa, aos clubes, à praia ou se divertir na calçada com os colegas da rua, atualmente, o isolamento nos ambientes privados, e a utilização de mídias (televisão e Internet) como um ambiente de interação social, tornou-se a opção mais viável. E dessa forma, o processo de enclausuramento doméstico e de individualismo torna-se crescente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos do estudo, inicialmente foram escolhidas cinco Fake News referentes à greve dos caminhoneiros que causaram um estado de medo e pânico na população de modo geral. A primeira foi a mensagem com uma suposta orientação alarmista de um líder de sindicato estocar comida e combustível. Outras duas foram relacionadas às

correntes amplamente compartilhadas sobre a iminência de uma suposta tomada do poder pelas Forças Armadas. E as duas últimas são relativas a boatos sobre novas greves dos caminhoneiros.

Para compreender com mais profundidade a relação entre os discursos contidos nas Fake News escolhidas e a construção do imaginário do medo urbano, a análise do discurso (AD) forneceu ferramentas que orientaram o modo como se busca extrair a discursividade da textualidade. Com origens em uma forma não-positivista de se desenvolver o conhecimento e tendo como base a virada linguística, que colocou a questão da linguagem no centro das discussões filosóficas no século XX, a análise de discurso acredita que um enunciado nem sempre quer dizer a mesma coisa, no entanto é relacionada com o contexto em que é dito (FOUCAULT, 2002). Isto demonstra que nenhum pronunciamento é neutro ou livre de valor.

Para Pêcheux (2002), a análise de discurso traça fundamentalmente três princípios de norteamento para o analista: o primeiro é a de que descrever se torna indiscernível para a interpretação, a segunda, de que todo enunciado constitui de alguma maneira, mais do que um simples texto; por fim a terceira, de que todo discurso é ao mesmo tempo uma consequência dos contextos sócio-históricos. Nesta perspectiva, Orlandi (2002) propõe que a análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua ou da gramática, apesar de esses elementos lhe interessem. Ela trata do discurso, que etimologicamente, tem a ideia de curso, de percurso. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem.

Apesar do que apresentamos, estritamente falando não existe uma única “análise do discurso”, mas muitos estilos diferentes de análises e todos reivindicam o mesmo nome. Gill (2002) reconhece a existência de pelo menos 57 diferentes variedades e sugere, como uma possibilidade de melhor compreensão de suas diferenças, que se pense no método sob suas diferentes tradições teóricas. Diante disso, que o autor Orlandi (2002) propõe passos mais estruturados para uma análise de discurso que não siga uma orientação específica, mas seus princípios gerais.

Os procedimentos estão centrados na noção de funcionamento dado pelos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos. De acordo com Orlandi (2002), em uma primeira etapa o pesquisador empreende ao processo de-superficialização do texto, no qual irá analisar quem diz, o que diz, como diz, para quem diz e em que circunstâncias diz. Neste momento de análise do “dito”, será investigado se as assertivas que compõe a Fake News são fato, fake ou uma mistura de elementos falsos e verdadeiros.

Em uma etapa posterior, destacamos os discursos que entrecruzam o campo em disputa e suas condições de produção, relacionando o que foi dito, o não dito e o silenciado, apontando convergências e antagonismos. Ao analisar o não dito, é preciso investigar o nível de significado dos discursos, procurar os porquês e os segundos sentidos contidos no texto. A partir desse ponto, a análise caminha para a terceira etapa na qual o nível do silenciado é investigado. Deste modo, o texto passa a ser relacionado a um campo discursivo mais amplo, no qual estão presentes diferentes discursos, com seus enunciados, que disputam a

significação dos eventos, hábitos, atitudes, sentidos e assim são capazes de construir um imaginário.

ANÁLISE DAS FAKE NEWS

Inicialmente serão analisados textualmente (nível do dito) trechos significativos de cada Fake News escolhida, no objetivo de identificar se tal fragmento do texto tem um conteúdo verídico, falso ou mistura ambos os elementos. Neste momento de superficialização do texto, percebe-se que existe um padrão nesse tipo de fonte midiática. Elas são geralmente vagas, de tom alarmista, com erros de português, pedidos para compartilhamento e uma das principais características é a falta de fontes confiáveis ou que possam ser checadas.

A Fake News em que um suposto presidente do Sindicato dos Caminhoneiros do Brasil alerta a população para que estoque comida e combustível foi lançada quatro dias depois do inicio da greve, quando o cenário nas cidades já beirava ao caos. O terreno fértil da greve somada a tal notícia falsa provocou uma mudança de hábito na população, que acreditando na possibilidade de desabastecimento resolveu estocar alimentos. Inclusive, como medida preventiva, vários supermercados limitaram a venda de cada produto a no máximo 5 (cinco) unidades de cada item.

Figura 1: Análise da Fake News sobre o desabastecimentos de supermercados
Fonte: Elaborado pelos autores

Diante dessa análise mais superficial, cabe a atividade de explorar tal Fake News com uma maior profundidade subjetiva, no intuito de revelar as mensagens que se encontram não explicitas nos textos, mas nas entrelinhas da notícia. Nesse sentido pode-se perceber que a introdução desempenha um papel importante, além de ser escrito em primeira pessoa, já começa com um gatilho mental da saudação, conferindo um caráter mais intimista com o leitor, e até mesmo mais "humanizado". Já quando o autor se identifica como um líder dos Sindicatos dos Caminhoneiros é evocado propositalmente a posição de uma autoridade sobre o assunto, o que acaba por conferir legitimidade nas informações repassadas na notícia.

Logo depois no intuito de chamar a atenção é utilizada a estratégia de apelar para os instintos básicos de sobrevivência das pessoas, afinal a iminente situação de passar fome ou da imobilidade podem vir a afetar os leitores. Nesse sentido o texto provoca um sentimento de perigo e insegurança para a população, que além de gerar medos secundários transformar-se ontologicamente em um imaginário de medo da morte.

Em sua obra Medo Líquido, Bauman (2008) retrata o medo especialmente sob o aspecto da insegurança e indeterminação, que na compreensão do autor são marcas dos tempos atuais. No primeiro capítulo, ele discute o medo da morte, o qual considera o arquétipo de todos os medos. De acordo com o autor todas as culturas humanas possuem estratégias que têm por finalidade tornar suportável a vida com a consciência da morte.

Dessa forma, a noção de "precaução" evocada pela notícia desempenha uma função retórica considerável, pois remete as estratégias se proteger deste medo da morte. Assim são gerados novas atitudes e hábitos preocupados com o que aparenta ser relevante naquele momento. Essa nova subjetividade do medo provocada pela notícia levou as pessoas a uma corrida a supermercados e postos de gasolina, como "solução" para lidar com a insegurança de uma possível escassez de alimentos e combustível.

No entanto, tal atitude, acaba inadvertidamente, piorando a situação dos próprios consumidores, afinal se todos fizessem um estoque em casa com medo de falta de produtos, isso provocaria uma escassez que (como já explicado anteriormente) não haveria. Ou seja, tal estado de pânico provocado pela noticia falsa poderia gerar uma profecia autorrealizável e criar inclusive uma nova realidade de escassez.

Outra questão interessante de ser destacada são os antagonismos que o próprio texto revela nos discursos dos caminhoneiros. Ao mesmo tempo em que há um sentimento de insatisfação com a situação social, política e econômica do país, que emana uma falta de "ordem e progresso", as próprias paralisações e bloqueio de estradas durante a greve também ocasionaram disfunções e desordem no cotidiano das pessoas, mesmo que o motivo da greve não fosse este, suas consequências afetaram a vida da população brasileira.

De acordo com Laclau e Mouffe (2004) o discurso, em sua perspectiva, ocorre pela articulação de demandas particulares hegemonizadas por uma das identidades que configuram o sentido da realidade, no entanto, a estrutura discursiva não é um agrupamento homogêneo de elementos organizados. Ao contrário, devido à condição primária de pluralidade do sujeito, o discurso também é rigorosamente constituído de

antagonismos entre elementos num processo contínuo de articulação, deslocamento e nova articulação.

Já no final do texto, a ideia de "guerra começando" remete à subjetividade das discordâncias, divisões, dos conflitos e lutas de interesse que perpassam sobre o movimento da greve. Além disso, toda a construção textual aponta para uma hostilidade latente para com as decisões políticas do governo e com a situação social e econômica da população, sendo muitas vezes recogitada a intervenção militar como uma solução para dessas insatisfações.

Diante dessa perspectiva, as duas próximas notícias falsas são relativas à tomada de poder pelo Exercito do país. Durante, o período da greve dos caminhoneiros circulou na internet, diversos áudios, vídeos, e textos, a notícia que o Exercito teria dado um prazo para o governo resolver o impasse com os caminhoneiros, pois se os protestos não fossem encerrados haveria uma intervenção. Outra notícia também bastante divulgada fala sobre o deslocamento de um comboio de 200 (duzentos) caminhões do 61º batalhão para a base de Santa Maria, no intuito de uma tomada de poder pelos militares.

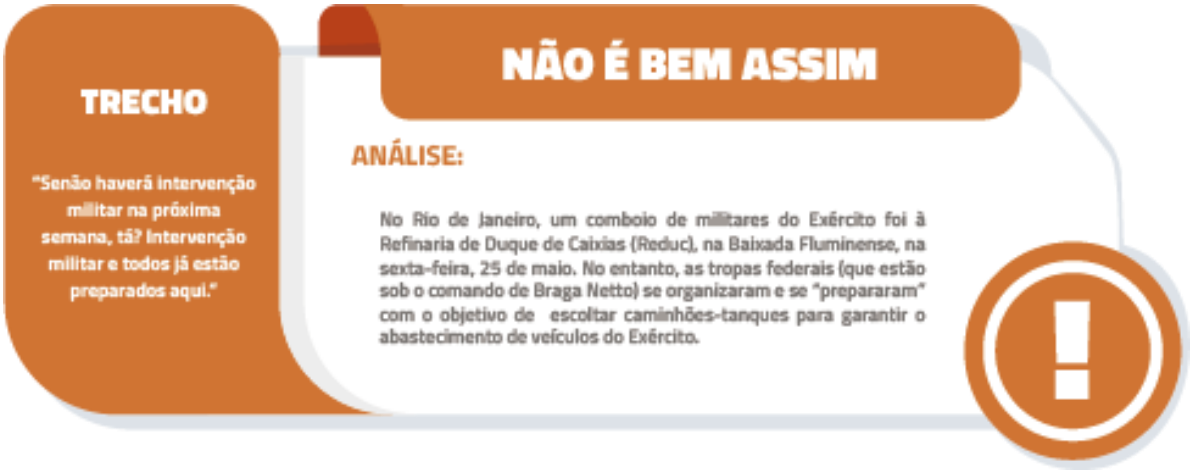

Figura 2: Análise da Fake News sobre a intervenção militar
Fonte: Elaborado pelos autores

Segundo o site boatos.org essas histórias estão sendo criadas por grupos que além de pedir intervenção militar, sempre soltam boatos de que isto estaria iminente. Em um levantamento interno, o EL PAÍS também conseguiu encontrar os principais perfis do Facebook que estavam impulsionando o tema da intervenção. Entre os cinco primeiros estão as páginas "O Brazil de Fora do Brasil" (145.000 seguidores), "Cruzada pela Liberdade" (294.000), "General Mourão – Eu Apoio" (231.000), "Intervenção Militar no Brasil" (430.000) e a já mencionada "IntervencaoMilitar", que já não podem mais ser acessadas (OLIVEIRA; BETIM, 2018).

Em comum, as páginas não têm gestores claros e costumam compartilhar postagens e vídeos de figuras conhecidas na Internet, além de muitas notícias descontextualizadas e pronunciamentos de supostas autoridades. Nenhuma dessas páginas parece obter o monopólio da agitação política neste tema. O ambiente é fragmentado, com diversas vozes e diversos perfis amplificando esse debate, sem grandes lideranças claras. E dessa forma, no período da greve dos caminhoneiros, ainda que a pauta já estivesse presente desde o início das paralisações, os pedidos por intervenção foram ganhando corpo nas redes sociais ao longo dos dias — resultando, simultaneamente, de uma amplificação desse tema nas ruas.

Ao longo dos últimos dias de greve, os bloqueios em estradas foram engrossados por manifestantes vestidos de verde e amarelo que exigiam justamente que os militares agissem para tirar Michel Temer do poder. É nesse sentido, a relação entre a paralisação pela redução do valor do diesel e o apelo por intervenção militar, a qual uma parte dos caminhoneiros aderiu, revela conexões simbólicas mais profundas, fundamentais para compreender o que foi esse momento.

Figura 3: Análise da Fake News sobre a invasão à base Santa Maria
Fonte: Elaborado pelos autores

Seguindo o padrão das Fake News, ambas as notícias selecionadas também tentam misturar elementos reais a ações fictícias. Dessa forma, falas de autoridades como o próprio comandante do Exército, o General Eduardo Villas Boas foram tiradas do contexto ou inventadas, com a intenção de gerar mais legitimidade nas notícias compartilhadas. Ou ainda dados logísticos foram divulgados com a intencionalidade de conferir credibilidade às matérias.

Através de uma análise do que não é dito explicitamente no texto, percebe-se que ambas as noticias anunciam uma espécie de movimentação que está por vir para mudar a realidade política do país que atualmente diante de governos ilegítimos e tanta corrupção só decepcionaram a esperança do povo brasileiro. No entanto, a tomada de poder pelos militares também seria uma solução de natureza inconstitucional. O aumento desses pedidos pela população pode ser reflexo da construção de um imaginário social resultante da história política imatura da democracia no Brasil, em que nos últimos 90 anos, apenas cinco chefes de Estado eleitos nas urnas completaram seu mandato. É nesse sentido, que o golpismo constitui-se uma prática recorrente na história e no imaginário dos brasileiros.

A miragem das soluções totalitárias contra as arbitrariedades dos governantes das democracias pode influenciar no modo como as pessoas acreditam nessas notícias. No Brasil, a sociedade já apoiou totalitarismos e regimes militares que chegaram ao poder não com o voto, mas pela imposição das armas. Atualmente essa crença retomou as mentes e desejos de uma parcela da sociedade.

Além disso, é importante ressaltar os antagonismos nos discursos dos caminhoneiros em relação aos pedidos de intervenção militar. Quem, por exemplo, hoje pode gritar nas estradas contra o governo para defender o que considera seus direitos, ignora que não poderia fazê-lo sob nenhum regime totalitário sem pôr em perigo sua própria vida. E, no entanto, isso pode ser uma armadilha de apoiar ou alimentar “movimentos populares” de protesto, pois ainda que possam parecer uma forma legítima de pressionar o poder e defender os direitos dos trabalhadores, podem se transformar em um bumerangue em momentos históricos de confusão ideológica como o que o Brasil está vivendo.

No fim da notícia, os trechos de “todos já estão preparados” representam uma constatação de que a movimentação já está sendo realizada e que desempenha o sentido de avisar aos brasileiros, que apenas resta ficar a favor ou contra essa intervenção, pois na verdade, ela já foi planejada ou realizada, não caberia influências da população, afinal essas decisões são/foram delineadas pelos altos comandantes do exercito.

Nesse sentido, a filosófa Hannah Arendt, em uma de suas obras seminais Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal (2000), fornece algumas perspectivas para a compreensão desses anseios totalitários, que inclusive podem prejudicar aqueles que os desejam. No livro, a autora analisa o julgamento de Adolf Eichmann, responsável pela morte de milhares de judeus durante o regime nazista. Chamou a atenção da filósofa o fato de o responsável por tamanha atrocidade ter sido um senhor comum de meia idade, pai de família e burocrata de carreira, cuja motivação maior era corresponder com aquilo que a

administração esperava dele, sem traços de perversidade e razão maligna aparente. Ao elucidar a teoria da banalidade do mal, a autora defendeu que a massificação da sociedade e o totalitarismo permitiram o desenvolvimento de uma multidão que cumpria ordens sem questionar, uma massa incapaz de fazer julgamentos morais.

Dessa forma, ao analisar os pedidos de volta à ditadura militar, período em que no Brasil milhares de pessoas foram mortas e torturadas, e caso reinstalado pode prejudicar inclusive aos próprios que desejam tal condição totalitarista, percebe-se nessas pessoas uma falta de profundidade de pensamento e a incapacidade de autorreflexão sobre o próprio papel que cumprem na sociedade. Somando ao fato de que a sociedade brasileira, com suas devidas peculiaridades, apresenta algumas características como a malandragem e o "jeitinho brasileiro", traços culturais influentes na formação do caráter do país, isto também pode elucidar algumas razões pelas quais essas notícias são tão compartilhadas.

Na literatura brasileira tem-se o famoso exemplo que habita o imaginário popular: a obra na qual Mario de Andrade ao tentar construir o retrato do povo brasileiro cria o famoso personagem "Macunaíma", também conhecido como o "herói sem nenhum caráter", o "herói malandro" ou ainda o "herói da nossa gente". Já nas análises sociológicas do antropólogo Roberto Damatta, no livro Carnavais, malandros e heróis (1997), o autor explica a relação do povo dessa nação com as normas e as leis ainda é um tanto nebulosa, pois frente a um limite estabelecido via de regra, o brasileiro adota um comportamento no "entremeio" do "pode e não-pode" da lei. O brasileiro é acostumado a ter uma saída e um modo fácil de resolver qualquer coisa em benefício próprio, mesmo que, para isso, seja necessário algum pequeno ato de corrupção.

Assim, a possível relação entre a ausência do discernimento crítico e do aspecto amoral (diferente de imoral) do caráter com os atos "maus" também podem explicar o compartilhamento inconsequente das mensagens de conteúdos falsos e totalitários, que acabam gerando uma desinformação indiscriminada na sociedade. Afinal para repassar uma (des)informação basta alguns cliques, as Fake News são disseminadas sem questionamentos morais ou críticos sobre as repercussões e os efeitos que podem causar na sociedade.

Dan Sperber e Daiedre Wilson (2010) também contribuem para o entendimento desse fenômeno com teoria de relevância. De acordo com os autores, um fato será mais relevante para as pessoas quanto menos esforço de compreensão exigir e quanto mais reforçar valores e crenças pessoais. Nesse caso, a passividade na propagação de Fake News sobre as intervenções militares nada mais é do que a mistura do profundo desejo de falar e ser ouvido com nossa necessidade de compreender os temas complexos ao nosso redor de maneira mais rasa, fácil e rápida possível.

Por último, mas não menos importante, as próximas Fake News foram divulgadas após o término da paralisação. Uma foi compartilhada logo no fim da greve, quando o abastecimento começou a voltar ao normal nas cidades afetadas pela paralisação. A situação de normalização foi interrompida por um boato que circula em grupos de WhatsApp, que fala em uma nova greve que começaria no segunda (04 de junho de 2018) em todo o país. As mensagens espalhadas através do aplicativo em formato de áudio ou vídeo chamavam os

caminhoneiros para outra grande manifestação. Tal notícia colocou a população em estado de temor e alerta, gerando novamente pânico na população.

Figura 4: Análise da Fake News sobre uma nova greve no dia 4 de junho de 2018
Fonte: Elaborado pelos autores

Já a última notícia falsa analisada foi divulgada quase quatro meses após a greve dos caminhoneiros. Voltaram a circular nas redes sociais boatos de que no inicio de setembro, os caminhoneiros voltariam a fazer uma nova paralisação logo após o feriado de 7 de setembro de 2018. O temor de nova greve de caminhoneiros também gerou filas em postos de outras cidades do país no fim de semana, como em Águas Claras (DF), Porto Alegre, Belo Horizonte e em Recife. Em Brasília, o ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann, mandou a Polícia Federal investigar as mensagens que circulam pelo WhatsApp com informação falsa sobre uma nova paralisação de caminhoneiros.

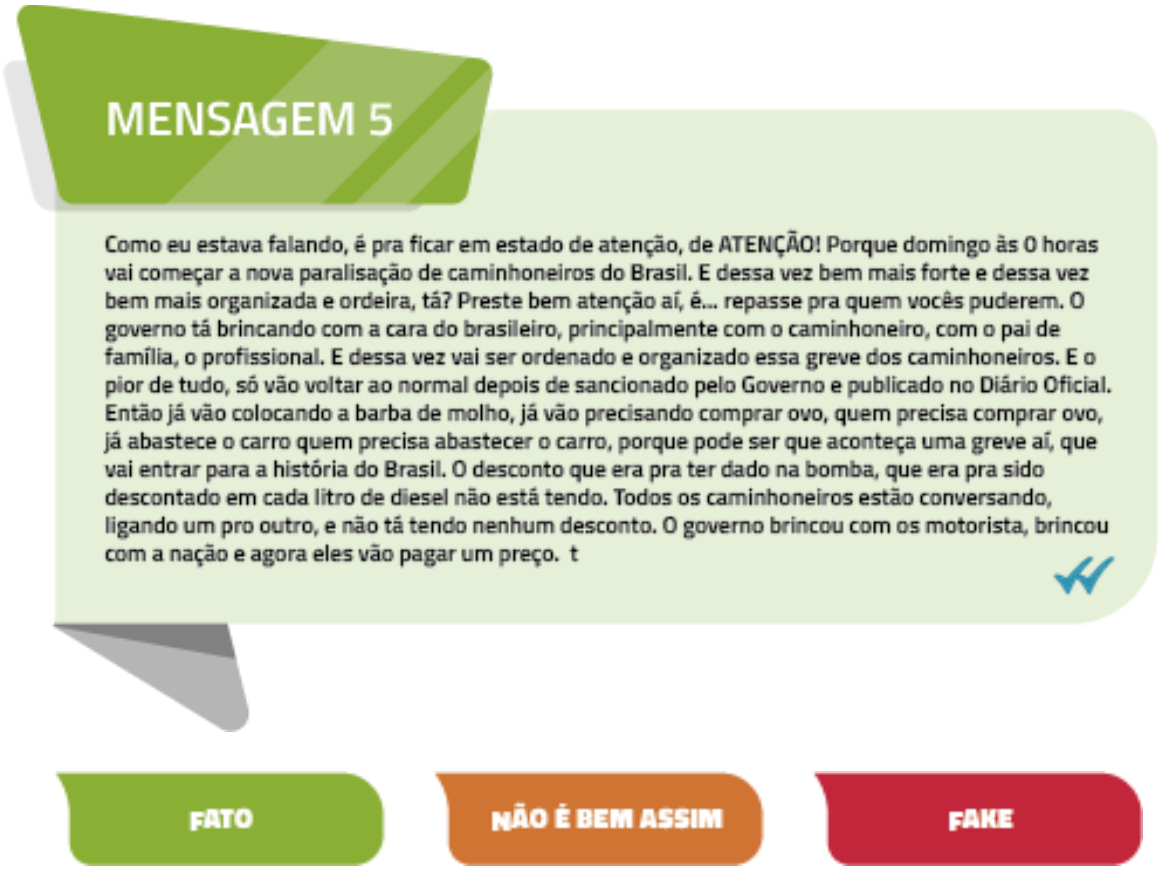

Figura 5: Análise da Fake News sobre uma nova greve no dia 7 de setembro de 2018
Fonte: Elaborado pelos autores

A segunda notícia retoma uma insatisfação dos caminhoneiros para com o Governo, pois nesse intervalo de três meses houve descumprimento dos acordos realizados no final de maio de 2018. Tal descontentamento leva a categoria de caminhoneiros ao emergente desejo de falar e ser ouvido, nesse processo o sentimento de "querer fazer história" é cada

vez mais consolidado. Percebe-se uma necessidade de fortalecimento do discurso do sujeito coletivo.

Dessa forma, em uma concepção no qual o social é ontologicamente político, o processo de formação do discurso reverbera uma disputa pelo significado da realidade (LACLAU, 1986). No caso da classe dos caminhoneiros, pode-se afirmar que a situação complexa das relações contemporâneas profissionais coloca em xeque um centro fixo constituidor das identidades. Existe uma pluralidade de centros. No entanto, o processo de trocas de mensagens em aplicativos na rede, coloca a emergência de muitas outras identidades, que podem ser articular em uma cadeia de equivalencia em torno do discurso hegemônico.

Além disto, ambas as notícias retomam as referências de tons alarmistas, prevendo situações caóticas que podem afetar a população das cidades brasileiras. Mesmo com a situação normalizada, e após meses, o imaginário do medo ainda encontra-se em parte da sociedade. O clima de tensão e suspense criado pelas Fake News gerou um sentimento de temor e pânico nas pessoas. Na cidade do Recife, por exemplo, redes de postos aproveitaram esses tempos de perturbação para espalhar mais rumores sobre a possível greve, desencadeando uma corrida desenfreada dos motoristas aos postos, que aumentaram o preço dos seus combustíveis.

Tais episódios demonstram o que tem ocorrido diversas vezes por semana no Brasil, a disseminação de relatos de teor suspeito em aplicativos de trocas de mensagens revelam comportamentos que não se restringe apenas a determinada parcela da sociedade, mas que se alastra por diferentes estratos culturais e etários num país de dimensão gigantesca e contraditória que habita mais de duzentas milhões de pessoas.

Como já discutido, os meios de comunicação de massa tem um lugar significativo na construção, amplificação, divulgação e partilha de significado, exercendo uma função importante no estabelecimento de um significado comum e intersubjetivo acerca da realidade cotidiana. As mídias tornam-se lugares de referências para a sociedade. Entretanto, diante das Fake News percebe-se que tais referências acabam sendo abaladas pela quantidade de (des)informação que se encontra na rede, resultando em um processo contrário ao da atitude natural, mas sim em um regime nos quais as pessoas não sabem mais como agir ou qual a maneira mais adequada de lidar com as novas mudanças. O que se vê instaurado é um clima de tensão psicológica generalizada na cidade, no qual a mínima possibilidade de novas paralisações, novos bloqueios, desperta nas pessoas um pânico, seguido pelo medo de abalar suas bases de referências.

Mesmo não tendo confiabilidade jornalística, as Fake News também são uma forma de comunicação midiática que evocam sistemas simbólicos. E a maneira como as Fake News da greve dos caminhoneiros foram subjetivadas acabam por compor narrativas de temor na cidade, que contribuem para a formação do imaginário do medo nos brasileiro. Nesse sentido, Silva (2001) afirma que o urbano também deve ser analisado pela perspectiva imaginária e simbólica, pois tal imaginário de uma cidade é construído a partir de seus habitantes.

Portanto, ao ressaltar a cidade como o lugar do acontecimento cultural e como cenário de um efeito imaginário, percebe-se que as Fake News também detém um controle sobre os sistemas de linguagens, que influenciam na produção da realidade. Dessa maneira, na proporção em que concebe a realidade através da práxis, ela vai também somando valores a essa realidade, dando-lhe um sentido valorativo. No caso das Fake News dos caminhoneiros, a forma como a população subjetivou tais notícias geraram um sentimento de insegurança, que foi percebido através de uma instância de temor, provocando determinados comportamentos nos habitantes, que influenciaram na forma como as pessoas interagem e experimentam as cidades.

ANÁLISE DO SILENCIADO

Por fim, chega-se a etapa em que o objetivo é extrair os significados mais ocultos da discursividade das fakes news. Agora, tenta-se analisar como elas influenciam na construção e na significação da realidade. De inicio, algumas perguntas essenciais para tal investigação são: qual a origem das mensagens falsas sobre a greve dos caminhoneiros? E melhor, a quem interessa essas mentiras?

Allcott e Gentzkow (2017) ao analisarem as Fake News nas eleições americanas em 2016 perceberam que as notícias falsas se originam em vários tipos de sites. Por exemplo, alguns sites eram estabelecidos inteiramente para imprimir artigos intencionalmente fabricados e enganosos. Outros sites satíricos contêm artigos que podem ser interpretados como factuais quando vistos fora de contexto e ainda há outros sites que imprimem uma mistura entre artigos factuais, muitas vezes com uma inclinação partidária, junto com alguns artigos falsos. Websites que fornecem notícias falsas tendem a ser de curta duração.

Nesse sentido, na modernidade, os grupos de WhatsApp se tornaram uma extensão de tudo que pertencemos na “vida real”, como família, escola, igreja, trabalho, uma espécie de foro particular onde pode-se falar e ser ouvidos, só que com um alcance infinitamente maior do que era possível na velha reunião da família, no culto de domingo ou dentro da sala de aula. Com o WhatsApp, é possível falar e ter a atenção de bem mais que as quinze pessoas que antes podíamos alcançar em um dia. Somado isso, com as circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e a crença pessoal, a receita para o intenso compartilhamento das Fake News virou um sucesso.

Dewey e Sydell (2016) conseguiram mapear algumas motivações relacionadas Fake News, em geral, duas principais foram identificadas. A primeira é econômica, pois os artigos de notícias que se tornam virais nas mídias sociais podem atrair uma receita significativa de publicidade quando os usuários clicam no site original. Esta parece ter sido a principal motivação para a maioria dos produtores cujas identidades foram reveladas. Já é segunda motivação tem um viés ideológico. Alguns provedores de notícias falsos procuram promover os candidatos que eles preferem.

Entretanto, é preciso analisar de forma mais profunda tais motivações, perceber outros fatores que estão por trás das aparências, é necessário desvelar os aspectos ocultos relacionados à intencionalidade das Fake News. Diante desse mergulho analítico, um dos primeiros achados diz respeito à vulnerabilidade de parte da sociedade para serem manipuladas e consequentemente controladas por tais notícias falsas. As pessoas estão sendo conduzidas para uma nova realidade ontológica da pós-verdade, no entanto o grande problema é que estes indivíduos sequer sabem para onde estão sendo levados, pior: eles sequer sabem que estão sendo levados. A sociedade não tem consciência sobre o que está acontecendo, tornando tais ações basicamente involuntárias. Diante disso, a atitude de reagir a essas mudanças, de modo a ter controle sobre essas mensagens falsas, não existe no imaginário dessas pessoas, e nem pode existir até que elas tomem conhecimento sobre o que está ocorrendo.

Ao ir além, começa-se a reparar que a finalidade dessas notícias tem em comum o fato de estabelecerem relações de poder, dominação e conflitos decorrentes de interesses diferentes no intuito de manipular indivíduos, grupos e coalizões. Os grupos que constroem ou pagam para a produção dessas notícias as Fake News, esperam obter um poder sobre a realidade, sobre a sociedade, sobre esse novo cenário social e cultural do mundo globalizado. Essa comunicação produz nos dias atuais, um novo meio social.

Nesse sentido, de acordo com a tipologia de Bourdieu (2001) sobre os capitais e seus consequentes poderes, os grupos, que dominam a produção dessas notícias falsas, detém um poder econômico referente aos recursos financeiros, pois muitas vezes precisam pagar empresas especializadas na confecção das Fake News. Também acabam conseguindo o poder informacional, resultante da dominação a produção de (des)informações e o poder social é a soma dos recursos, reais ou virtuais, acumulados pela virtude de possuir uma rede durável de influência. E por último, conquistam mais capital simbólico, que é a forma que uma ou outra dessas espécies anteriormente citadas toma quando é incorporada por meio de categorias de percepção que reconhecem sua lógica específica.

Dessa maneira, através das Fake News tais grupos expandem o poder simbólico, que é esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daquele que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. E na vida existem diferentes exemplos de universos simbólicos, desde o mito, a língua, a arte, a ciência, assim como instrumentos de conhecimento e informação. A linguagem, um dos campos nos quais as Fake News se manifestam, passa a ser vista como representação e construção da práxis social e sua apropriação, construção e transformação são permeadas de lutas de poder entre os grupos.

As Fake News acabam por formar e influenciar os discursos, que não são apenas conjuntos de signos (de elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas são práticas que formam sistematicamente os hábitos, atitudes, comportamentos das pessoas. As notícias falsas analisadas no presente artigo, mesmo que nem sempre intencionalmente, evocaram imagens de polarizações, seja dos caminhoneiros versus a sociedade, ou da sociedade versus políticos, dos militares versus os políticos ou ainda dos empresários versus trabalhadores. A questão importante é que essas polaridades em um contexto de conflitos e lutas trazem consigo a ideia de lados. Em uma guerra, existe o

seu lado e o do inimigo. E é nesta narrativa que se encontra o perigo: no imaginário das pessoas o "outro" passa a ser inimigo, ao qual tememos.

Bauman (2002) afirma que o medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem motivo, nem endereços claros, quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. "Medo" é o nome que damos a nossa incerteza, nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito.

É nesse sentido que a mídia e as Fake News ao participarem do cotidiano da sociedade, ao se relacionarem com a nossa existência, constroem nossa subjetividade, constituem nosso imaginário sobre o medo, produzem nossas verdades sobre a cidade e consequentemente nossos atos, hábitos e comportamentos diante essa cidade. Atualmente, em parte por decorrência do medo da violência, muitas vezes disseminado pelas Fake News (repassados em grupos de amigos e familiares no WhatsApp), o isolamento nos ambientes privados, e a utilização de mídias (televisão e Internet) como um ambiente de interação social, tornou-se a opção mais viável. E dessa forma, entramos num processo crescente de enclausuramento doméstico e de individualismo, no qual as novas mídias tornaram-se o novo espaço físico de "relações interpessoais".

Diante desse cenário, é importante refletir qual o poder que os meios de comunicação e as Fake News detêm ao constituir e moldar essas imagens paradoxais acerca do sentimento de medo urbano nas pessoas, que muitas vezes, promove o isolamento das pessoas em suas casas, em seus quartos, que as privam de uma vida em sociedade na polis, um medo que às impedem do direito à cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as Fake News passam a ser criadoras e criaturas da pós-verdade, era em que as possibilidades de produção e distribuição de informação – e de formação de narrativas – se multiplicam a cada dia, criando contextos e plataformas que não existiam até bem pouco tempo. É nesse sentido, que essas mudanças produzem novos hábitos, comportamentos e simbologias na sociedade, gerando assim novas estruturas sociais.

As notícias falsas já produzem uma nova ontologia, uma nova realidade. A sociedade já não mais reconhece os lugares e instituições de referências. Diante dessa mudança é importante, perguntamos como é possível um sistema no qual não se diferencia os marcos de critérios, padrões, informações, orientações, conhecimentos, etc? Quais as implicações dessa nova realidade?

Segundo, Matthew D'Ancona (2016) o declínio da autoridade da mídia e de outras instituições que produziam referências no imaginário da sociedade na era da pós-verdade corrobora para a ascensão de uma perigosa relativização do objeto primordial da comunicação: os fatos. Ou seja, em um contexto de descrença com relação às instituições e à mídia tradicional, e de um individualismo acima da média, com a tecnologia, há um empoderamento do individuo.

As pessoas na verdade desejam acreditar nessas notícias que compartilham, mesmo sabendo que são falsas. Porque, em geral, só se compartilham notícias com as quais se concorda. Se elas são falsas ou não, as pessoas parecem não se preocupar muito. O que importa é perceber se as notícias corroboram a forma com que pensam sobre determinado assunto. Nesse sentido, com a expansão do uso das redes sociais e a possibilidade de produção e reprodução de informações por qualquer um, a realidade subjetivada passa a depender do que cada indivíduo escolhe como "verdade", os fatos passam a perder a vez diante desse cenário.

Todos usam os mesmos mecanismos de deslegitimar o discurso alheio a fim de consolidar o seu, aprofundando a polarização que já existe. Com a polarização vão buscar as narrativas que lhes tocam emocionalmente e dar crédito ao suposto saber, na medida que esse saber venha a legitimar o que elas querem que seja verdade.

E são através de suas práticas discursivas e de suas estratégias de poder (econômico, político, cultural e simbólico), que notícias falsas vão construindo os seres humanos e modelando suas subjetividades. Nas Fake News analisadas no presente artigo, a cultura do medo, sempre ressaltada, pode construir uma barreira invisível que separa as pessoas e as isola, fazendo-as temer a tudo e a todos, nunca confiando no outro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Guilherme; DA SILVEIRA, Juliana. *PÓS-VERDADE E FAKE NEWS: EQUÍVOCOS DO POLÍTICO NA MATERIALIDADE DIGITAL*.

ALLCOTT, Hunt and GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. *IJournal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211–236, 2017.

ARAUJO, Marcelo de. Manipulação e Fake News: Debate no Goethe-Institut, 2018.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução J. R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BARCLAY, Donald A. Fake News, *Propaganda, and Plain Old Lies: How to Find Trustworthy Information in the Digital Age*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Zahar, 2009.

_____. Zygmunt. *Medo líquido*. Zahar, 2008.

BORGES, Rodolfo. Greve dos caminhoneiros:: como se formou o nó que levou à paralisação. *El País*, São Paulo, 26 maio 2018. Economia, p. 5.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 7-16

BRUM, Eliane. Caminhoneiro: o novo velho protagonista do Brasil: Identidade, gênero e luta de classes no protesto que parou o país e pode apontar para uma versão brasileira do eleitor de Donald Trump nas eleições. *El País*, São Paulo, 04 jun. 2018. Opinião, p. 10.

CARVALHO, Denise W.; FREIRE, Maria Teresa; VILAR, Guilherme. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 31, p. 435-438, 2012.

COMIN, Alvaro A. A Greve dos Caminhoneiros e o Grande Paradoxo de Arlie Hochschild. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, p. 1-8, maio. 2018

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. Núcleo de Editoração CNI. Indicadores Industriais: Maio 2018. 26. ed. [S.l.: s.n.], 2018. 4 p.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRANSPORTES. (Brasil). Pesquisa CNT de perfil dos caminhoneiros 2016. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2016. 98 p.

CRONOLOGIA: greve dos caminhoneiros. G1, [S.l.], 25 maio 2018. Economia, p. 18.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAVOGLIO, Adriana. Municípios sofrem reflexos da crise do desabastecimento. 2018.

ENGLISH OXFORD living dictionaries. Word of the Year 2016 is... 2016.

FERRARI, Pollyana. *Fake news, pós-verdade e o consumo de informações*, 2017.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2002.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som.* Petrópolis: Vozes, 2002.

LACLAU, Ernesto. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 2, vol. 1, out., 1986.

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. *Hegemonia y estratégia socialista: hacia uma radicalización de la democracia*. Argentina: Fondo de Cultura Econômica, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LINS, Eunice Simões; LOPES, Flávia. Trevas e queda: análise do imaginário feminino na representação de fake news sobre Marielle Franco. *Revista Memorare*, v. 5, n. 1, p. 78-96, 2018.

MANJOO, Farhad; JOHNSTON, David Cay. *True enough: Learning to live in a post-fact society.* New York: Wiley, 2008.

MUSSE, Christina Ferraz. Cultura, televisão e imaginário urbano. *MATRIZes*, v. 7, n. 1, 2013.

OLIVEIRA, André De; BETIM, Felipe. Greve dos caminhoneiros, vitrine desproporcional para a "intervenção militar". *El País*, São Paulo, 31 mai. 2018.

ORLANDI, E.P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4.ed. Campinas: Editora Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 84 p.

ROSO, Adriane; GUARESCHI, Pedrinho. MEGAGRUPOS MIDIÁTICOS E PODER: CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NARCISISTA. *Revista De Ciências Sociais-Política & Trabalho*, v. 26, 2007.

SILVA, Armando. *Imaginarios urbanos.* Arango, 2006.

SILVERMAN, Craig. This Analysis Shows How Viral Fake Election News Stories Outperformed Real News On Facebook. *BuzzFeed News*. Canadá, 16 nov. 2016

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça; DA SILVA, Marina Hortência de Oliveira. Hiperligações no ciberespaço: interatividade, comunicação e educação. *Temática*, v. 9, n. 10, 2014.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. Teoria da relevância. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 5, p. 221-268, 2010.